



## AS CARACTERÍSTICAS ANTROPOMÓRFICAS DE DEUS

Cleiton Luiz Kerber\*

### RESUMO:

O seguinte artigo tem por finalidade apresentar as características de Deus ao longo da história judaico-cristã. Ele foi apresentado com diversas denominações diferentes, cada uma manifestando uma característica e uma identidade distinta. A pesquisa é bibliográfica, e tenta mostrar que as características do Deus de Israel não lhe foi atribuída por um único indivíduo, mas sim por todo um povo marcado por uma história de anos de escravidão, de luta para conquistar a terra prometida e de exílio em terras estrangeiras. Essas experiências foram dando forma aos predicados do Deus do Antigo Testamento. Com Jesus Cristo, é apresentada uma nova forma de ver e olhar para Deus. Ele lhe dá às características de um Deus-Pai. A partir daí, temos uma divindade que não está distante de nós, mas sim que nos acolhe e que nos conhece no nosso íntimo. Hoje na sociedade contemporânea, caracterizada com Pós-moderna, nós nos baseamos no Deus ao qual Jesus nos apresentou, mas cada ser humano acaba por construir uma imagem de Deus que melhor o atrai. As características que Deus possui hoje, não são mais atribuídas a Ele por um povo, como no Antigo Testamento, mas sim por cada indivíduo, o que caracteriza a sociedade em que vivemos. Essa forma de se entender Deus na Pós-modernidade acaba por influenciar as instituições religiosas, e conseqüentemente as tradições de cada igreja e/ou religião.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deus. Antropomorfismo. Pós-modernidade.

### AS MUDANÇAS DAS CARACTERÍSTICAS DE DEUS AO LONGO DA HISTÓRIA JUDAICO-CRISTÃ

O nome de Deus ao longo da história judaico-cristã, nunca constituiu-se fixamente. Ele foi apresentado com diversas denominações diferentes, cada uma manifestando uma característica e uma identidade distinta. “Os nomes sagrados são símbolos referidos a Deus em termos de categorias tomadas do mundo da experiência humana e que têm, portanto, as peculiaridades da linguagem

---

\* Cleiton Luiz Kerber, Graduando do Curso de Teologia do Centro Universitário La Salle Canoas. Contatos: E-mail- clei.muller@hotmail.com, celular: (51) 8045-9085.

metafórica”<sup>1</sup>, ou seja, cada experiência que o povo, teve e que foi atribuíu a Deus, acabou por conferir-lhe uma denominação diferente.

### *A REVELAÇÃO DO NOME E DAS CARACTERÍSTICAS DE DEUS AO POVO DE ISRAEL*

Para os antigos israelitas, o nome revela de seu portador as suas características naturais, quando se conhecia o nome da divindade a qual estava presente com o povo, poderia se prestar culto a ela e utilizá-la a seu favor em momentos de dificuldades.

Para os antigos, era certo que, de modo obscuro, a vida dos seres humanos estava rodeada e determinada por poderes divinos. Entretanto, essa certeza não era nada reconfortante, enquanto, em cada momento respectivo, o ser humano não soubesse de que tipo de divindade se tratava, com a qual estava lidando, isto é, enquanto não conhecesse o nome dela e lhe faltasse a possibilidade de invocá-la e de torná-la interessada nele e nas suas necessidades.<sup>2</sup>

Quando se conhecia a divindade e o seu nome, poder-se-ia invocá-la e prestar-lhe culto, sem esse conhecimento não se tinha a possibilidade de se relacionar com a divindade, e assim ela lhe seria inútil, pois quando o povo necessitasse de sua ajuda e proteção não teria a possibilidade de evocar-lhe.

Deus se revela ao longo da história e é nela que atribuímos a Ele suas características. No início da história de Israel, Na narrativa dos patriarcas Deus se assume como aquele que garante a terra, ou seja, Ele é visto como aquele que:

Providencia o espaço vital (promessa da terra) e a continuidade de existência do clã (promessa da descendência). A estrutura linguística “o Deus de Abrão, Isaac e Jacó” ou “o Deus do meu/teu Pai” introduz um componente pessoal na experiência de Deus. O Deus cultuado dá ao clã que o adora e acompanha os grupos migrantes. Deus não se prende a um lugar, mas a uma comunidade humana.<sup>3</sup>

Os Patriarcas eram nômades, por esse motivo seu Deus não poderia ser o Deus de um lugar específico, mas sim uma divindade que caminha junto com seu

<sup>1</sup> METTINGER, Tryggve. *O significado dos nomes de Deus na Bíblia*. tradutor Daniel Sotello. Santo André: Ed. Academia Cristã Ltda, 2008, p. 22.

<sup>2</sup> RAD, Gerhard Von. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução Francisco Catão. 2ª Ed. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006, p. 179ss.

<sup>3</sup> SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de dogmática*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 61.

povo, e que promete a eles o que de mais precioso poderiam ter, uma terra fixa aonde poderiam gerar descendência.

Quando o povo ainda se encontrava como escravo no Egito, Deus se revelou a Moisés como “EU SOU AQUELE QUE É.”<sup>4</sup>

Essa resposta contém um com o verbo hebraico “*hayah*” (ser) cuja dupla utilização na primeira pessoa do singular no imperfeito (ehyeh) recebe uma ligação meramente sintática (asher). O que este verbo tem de especial é o seu teor relacional e dinâmico de significação. Ele designa “ser” como existir, estar junto, manifestar-se, ser experienciado como vivo.<sup>5</sup>

No primeiro contato que Deus teve com o povo hebreu, Ele teve que afirmar-se como aquele que vive e que está presente. Essa era a necessidade do povo da época, eles precisavam de um Deus que estivesse presente e atuando nas suas vidas, tinham a necessidade de crer em um ser que estivesse junto deles, alguém que lhes desse esperança em meio a dura vida que levavam como escravos no Egito, por esse motivo Deus se revela dessa forma, como aquele que não abandona seu povo, e que sente piedade dele, assim como afirmou a Moisés ao se revelar na sarça ardente: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço suas angústias.”<sup>6</sup>

Após a libertação do povo de Israel do Egito, Deus dá a Moisés e aos hebreus os mandamentos, esses aos quais fazem relação com a vida profana das pessoas e a ordem sagrada, a qual legislava toda uma série de leis e sistemas de ritos e sacrifícios. Os mandamentos foram dados aos israelitas para que eles se relacionassem com Deus através da observação da lei e da vida cültica, pois Ele agora não é mais aquele que se revela ou que garante a terra e a descendência, mas sim o que está junto com o povo e que se relaciona com ele.<sup>7</sup>

Durante os quarenta anos que o povo de Israel ficou no deserto Deus caracterizou-se como aquele que está junto com o povo (característica que foi atribuída a Deus ao dar ao povo os Dez Mandamentos) e que caminha com ele. A narração do Êxodo mostra como Deus conduziu o povo de Israel até a terra prometida. Mas essas passagens não encontrassem somente narradas no livro do Êxodo, mas também nos hinos históricos:

<sup>4</sup> Ex 3,14

<sup>5</sup> SCHNEIDER, 2000, p. 58

<sup>6</sup> Ex 3,7

<sup>7</sup> RAD, 2006, p.187

Como mostra Sl 136.6, por exemplo. A palavra de Amós também pode ter sido tirada de um hino: ‘conduzi-vos durante quarenta anos pelo deserto’(Am 2.10). O que caracteriza todas essas manifestações que, na sua maioria, têm a origem no âmbito do culto, é que elas se concentram unilateralmente sobre a atuação de Deus.<sup>8</sup>

Na conquista de Canaã, Deus toma parte com o povo, Ele toma a característica da divindade que luta com o seu povo para a conquista da terra. Agora além de possuir uma imagem de que esta junto com o povo, ela está relacionada à tradição da conquista da terra que “precisa ser entendida no contexto do imaginário oriental com um todo: também Javé (como os deuses dos outros povos) está disposto a impor o seu direito dos seus por meio de confrontos não pacíficos.”<sup>9</sup> Deus assume as características de um Deus guerreiro, Ele agora empunha as armas e luta com o povo, e estes o proclamam como se fosse o seu general dizendo: “lahweh é um guerreiro, lahweh é o seu nome.”<sup>10</sup>

Após os hebreus conquistarem a terra de Canaã, eles começam a louvar a Deus como Aquele que reina por todos os tempos. Javé assume as características de um rei que governa sobre as demais divindades. Essa tradição estava presente na cultura Cananéia, aonde acreditavam que os demais deuses eram chefiados por um Deus-rei.

Por influência do imaginário das religiões vizinhas, Israel passou a cultuar Javé como rei. A crença, existente também em Canaã, no senhorio universal de um Deus-rei e na sua superioridade em relação a todos os outros deuses propiciou essa adoção. Israel ao mesmo tempo introduziu sua ligação pessoal com Javé na noção da supremacia régia de Deus, depositando sua esperança no seu rei Javé também em épocas nas quais seu domínio parecia ameaçado por poderes externos.<sup>11</sup>

## *AS CARACTERÍSTICAS DE DEUS NO PERÍODO DO EXÍLIO*

No ano de 587 a. C., Jerusalém é dominada pelos babilônicos, e seu templo destruído. Grande parte da população e seus líderes religiosos acabam por ser deportados para a Babilônia. O povo fica desorientado, pois não sabe como que Javé seu Deus, aquele considerado como o Deus-rei, o Deus-guerreiro permitiu uma coisa dessas.

<sup>8</sup> RAD, 2006, p.275

<sup>9</sup> SCHENEIDER, 2000, p.62

<sup>10</sup> Ex 15,3

<sup>11</sup> SCHENEIDER, 2000, p.63.

Durante o período do Exílio, Deus passa a ser um Deus que se silencia, que esta ausente. O povo passa a questionar a presença de Javé em seu meio e a duvidar de seu auxílio.

No livro do profeta Isaías dos capítulos 40 ao 55 conhecido como Dêutero-Isaías, “estão marcados por duas majestosas exposições sobre a palavra divina, encaminhadas para dar esperança aos decaídos israelitas.”<sup>12</sup>

O profeta da consolação (Isaías) não afirma que os deuses babilônicos são mais fortes e poderosos, ele culpa a indiferença de Deus ao seu povo com relação à situação da época, devido aos pecados cometidos por eles<sup>13</sup>, e afirma: “Quem entregou Jacó ao saque, e Israel aos despojadores? Não foi lahweh, aquele em cujos os caminhos não quiseram andar, nem deram ouvidos à sua lei?”<sup>14</sup>

A partir desse momento, quando o povo toma consciência de que foi através de seus pecados que os levou ao exílio, eles acabam por dar a Deus as mesmas características que teve no período do êxodo, o Deus que liberta e que não abandona o seu povo. Mas agora a libertação não é mais voltada a angustia que seu povo passa em terras estrangeiras, mas sim como forma de perdão do povo pelos seus pecados cometidos e esperam que Javé olhe por eles e venha os libertar do exilo.<sup>15</sup>

### AS CARACTERÍSTICAS DE DEUS NA APOCALÍPTICA DO ANTIGO TESTAMENTO

Após o período do exílio, o povo de Israel passou por diversos momentos em que esteve sobre o domínio de outros povos. Quase sempre o poder de dominação era voltado ao aspecto político, mas em certas ocasiões chegou a exercer também autoridade sobre a religião. Diante dessa situação o povo cada vez mais se perguntava: “onde estava o Deus da história? Onde ficava a demonstração do seu poder? Será que potências seculares podiam levantar-se contra ele e afirmar-se, podiam elas tirar-lhe das mãos a lei do agir?”<sup>16</sup>

<sup>12</sup> METTINGER, 2008, p. 228.

<sup>13</sup> METTINGER, 2008, p. 229ss.

<sup>14</sup> Is 42,24

<sup>15</sup> SCHENEIDER, 200, p. 64.

<sup>16</sup> SCHENEIDER, 2000, p. 65.

A partir desse momento histórico, no qual o povo está vivendo tempos de repressão, acaba por surgir à linguagem apocalíptica, presente principalmente no livro de Daniel. Essa forma de literatura, “é uma denúncia por meio de imagens, por causa da perseguição.”<sup>17</sup> A partir daí Javé acaba por possuir a característica do Deus da História, aquele que pré anunciou e planejou todos os fatos decorrentes.

A literatura apocalíptica vem para dar ao povo uma esperança, de que Javé o Deus da História, planeja uma salvação futura, que está sendo anunciada em meio à repressão, ou seja, “a apocalíptica é uma reflexão sobre o momento presente em que foi escrita e tem por objetivo animar a esperança e a fé. Mas tem a característica particular de se expressar através de símbolos e de imagens.”<sup>18</sup>

A tradição apocalíptica veterotestamentária professa: Javé tem nas mãos as rédeas da história, mesmo que a angustiante experiência histórica atual pareça contradizê-lo inicialmente. O povo de Israel é chamado a praticar a vontade de Deus justamente agora, e a viver confiante na sua atuação benfazeja e salvadora. Face à morte violenta dos justos, que sucumbem por causa de sua perseverança na fé, a consciência visionária percebe a luminosa imagem de um senhorio imperecível de Deus, que supera a morte terrena.<sup>19</sup>

A partir desse momento Deus acaba por alimentar uma esperança futura, não mais voltada a momento presente. Javé é o Deus que não perecerá ante o povo dominador, pois ele é o Deus que conduz a história.

### *A EXPERIÊNCIA DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO E SUA PLURALIDADE*

No Antigo Testamento, Deus vai se revelando ao povo de Israel. Suas características não são imutáveis, mas sim vão mudando ao longo do percurso histórico dos antigos israelitas. As características divinas nada mais são do que “símbolos e seu número mudou de tempo em tempo de acordo com o permanente diálogo com a experiência e, de forma principal, com a própria realidade social de Israel.”<sup>20</sup>

Israel viveu uma pluralidade de experiências históricas, e elas acabaram mostrando-se o cumprimento da palavra de Javé. Em cada experiência histórica

<sup>17</sup> MARCHIONI, Mário Lúcio. *Deus no nosso jeito de falar*. Aparecida, SP: Editora Santuário: 1997, p. 82.

<sup>18</sup> MARCHIONI, 1997, p. 84.

<sup>19</sup> SCHENEIDER, 2000, p. 66.

<sup>20</sup> METTINGER, 2008, p. 282.

Deus assumiu características e até nomes diferentes, essas empregadas não por um indivíduo ou por um clã, mas sim por todo um povo.

As experiências que Israel teve com seu Deus, não foram somente fontes para o momento histórico do fato ocorrido, mas são também esperanças depositadas em Deus para o futuro. “Experiências passadas por Israel em seu passado com Javé são a base sustentadora e a proto-imagem determinante da esperança presente do povo, depositada nele bem como na sua atuação salvífica também no futuro.”<sup>21</sup>

## AS CARACTERÍSTICAS DO DEUS DE JESUS CRISTO

O Deus apresentado por Jesus Cristo possui características distintas do qual foi exposto no Antigo testamento. Jesus vem e nos mostrar um Deus-Pai, chamado por ele de Abbá. É um Deus totalmente diferente daquele posto até agora pelo povo de Israel.

No Antigo Testamento já se falava de Deus como Pai. Mas com Jesus esta paternidade recebe nova conotação. A experiência que ele faz de Deus é totalmente original. [...] Não ensinou nenhuma doutrina nova sobre a paternidade de Deus. [...] o que existe de novo, no caso de Jesus, é o fato de invocar a Deus como pai comprometido numa ação libertadora. Dá a Deus a conhecer como aquele que rompe toda opressão, inclusive a religiosa. É deste modo que, agindo profeticamente, como destruidor de toda a opressão, atreve-se a chamar a Deus de Pai.<sup>22</sup>

Ao olhar Deus com as mesmas características de um pai, Jesus acaba por formular uma nova concepção de Deus e de projeto salvífico apresentado por ele. O Deus de Jesus não é mais aquela divindade vinculada à lei ou ao templo. “Ele abre horizontes novos para se descobrir a presença de Deus.”<sup>23</sup>

## *O PROJETO DO DEUS DE JESUS CRISTO PARA OS POBRES E EXCLUÍDOS*

Ao olhar para a massa da população de Israel, Jesus acaba por ver Deus em meio a um povo pobre e abandonado. “Mas quando Jesus está falando dos pobres, está se referindo aos que não têm nada; pessoas que vivem no limite, os

<sup>21</sup> SCHENEIDER, 2000, p. 67.

<sup>22</sup> CARAVIA, José L. *O Deus de Jesus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987, p. 27 e 28.

<sup>23</sup> CARAVIA, 1987, p. 28.

expropriados de tudo, os que estão no outro extremo das elites poderosas. Sem riquezas, sem poder e sem honra.”<sup>24</sup>

É para essas pessoas que Jesus olha e vê o sentido de sua pregação, ele percebe que o Deus que deve anunciar não é uma Divindade que está buscando glória e poder, mas sim um Deus que olha e cuida dos excluídos e marginalizados.

Ao tomar consciência do Deus que deve anunciar e para quem deve proclamá-lo, Jesus começa a divulgar uma nova proposta ao povo de Israel, que ele próprio a intitula como reino de Deus. A partir desse momento “tudo aquilo que ele diz e faz está a serviço do reino de Deus.”<sup>25</sup>

A partir daí o projeto do reino de Deus acaba por se tornar o cerne da mensagem de Cristo:

Pode-se considerá-lo como um ponto fundamental que irradia influência sobre todo o ensinamento de Jesus. Nada do que disse ou fez Jesus é inteiramente desvinculado do reino de Deus, porque a concepção de reino condensa e expressa à visão, a causa ou a missão pela qual ele viveu. Por conseguinte, a noção ou ideia de Deus que Jesus medeia não está longe e certamente não pode ser dissociada do que ele entendia por reino de Deus.<sup>26</sup>

Jesus mostra que Deus está vinculado aos pobres, que Ele tem um projeto para eles. Nessa ação que os despojados serão acolhidos. Com essa linha de pensamento Jesus distorce totalmente a visão judaica, pois, “de acordo com a tradição de Israel, a prosperidade é sinal de bênção de Deus e a miséria, pelo contrário, é indício de sua maldição.”<sup>27</sup> Jesus distorce totalmente a característica do Deus dos Judeus, ele o apresenta como estando a favor dos pobres, dos que passam fome, dos que estão doentes, dos fracos e excluídos.

### *A FORMA DE EXPERIENCIAR O DEUS DE JESUS CRISTO*

A principal forma de experienciar o Deus apresentado por Jesus é servindo, pois como ele mesmo afirma: “Aquele que quiser tornar-se grande entre vós, seja

<sup>24</sup> PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Tradução Gentil Avelino Titton. 6. Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2013, p. 222.

<sup>25</sup> PAGOLA, 2013, p. 115.

<sup>26</sup> HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. [trad. Jonas Pereira dos Santos]. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Repensar), p. 123.

<sup>27</sup> PAGOLA, 2013, p. 227.

aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo. Deste modo, o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir.”<sup>28</sup>

Quem quiser seguir Jesus deve largar tudo, desapegar-se dos bens materiais e segui-lo, para então entregar-se a Deus, pois “não podeis servir a Deus e ao dinheiro.”<sup>29</sup> Para acolher reino de Deus, é impossível defender os “pobres, e continuar ao mesmo tempo acumulando riquezas precisamente à custas deles.”<sup>30</sup>

O principal modo de provar o Deus de Jesus Cristo, e através da realização do seu reino, é desapegar-se dos bens materiais e servir a todos. Jesus não buscava somente uma mudança interior das pessoas, ele procurava modificar também o meio social, Jesus não ia somente contra o egoísmo de cada indivíduo, mas também de toda a sociedade.

O reino de Deus busca a construção de uma sociedade digna do homem, pois só assim será digna do pai de todos os homens: uma sociedade a caminho da verdadeira fraternidade, igualdade e solidariedade entre todos. Mais ainda, uma sociedade em que precisamente o fraco e o marginalizado serão privilegiados ou favorecidos. Por isso o reino de Deus, conforme Jesus o apresenta, é uma transformação radical de valores como jamais se anunciou antes: é a negação e a mudança, a partir de seus alicerces, do sistema social estabelecido.<sup>31</sup>

Experienciar o Deus de Jesus, é lutar contra as desigualdades impostas pela sociedade e pelo sistema, é ir às margens e acolher o pobre, o humilhado e o desumanizado. Acolher o Deus de Jesus é acolher o próprio ser humano, é olhar para Deus e entrar em comunhão com ele e com os oprimidos, é perceber o sentido da entrega de Jesus e entender que “Deus se fez homem, para que o homem se tornasse o Deus que se fez homem.”<sup>32</sup>

## **AS CARACTERÍSTICAS DE DEUS NA PÓS-MODERNIDADE E O RETORNO AO SAGRADO**

A modernidade conseguiu sufocar a alteridade existente entre o humano e o divino. O problema de Deus acabou se tornando “intrínseco ao homem, pois a

<sup>28</sup> Mt 20, 26-28.

<sup>29</sup> Mt 6,24.

<sup>30</sup> PAGOLA, 2013, p.135.

<sup>31</sup> CARAVIAS, 1987, p.91.

<sup>32</sup> ZIZEK, Slavoj e MILBANK, John. *A monstruosidade de Cristo: paradoxo ou dialética?*. Organização Creston Davis. Tradução Rógerio Bettoni. São Paulo: Três Estrelas, 2014. p. 43.

reflexão sobre si remete, ao problema da raiz ontológica do homem que é Deus.”<sup>33</sup> Deus acabou por se tornar somente uma reflexão para o próprio homem, foi equiparado a uma criação humana, uma forma de reflexo da própria essência do ser humano como afirma Feuerbach: “O homem ao relacionar-se com Deus, relaciona-se com a sua própria essência, porque para a religião não são esses predicados ideias, imagens que o homem faz de Deus, diversas do que Deus é em si mesmo, mas sim verdades, coisas, realidades.”<sup>34</sup>

A idade moderna conseguiu caracterizar-se como aquela que olha para o planeta e fixa-se nele, procurou entender a relação do homem com esse mundo. Ela precisava designar todas as coisas, havia uma busca incansável por respostas, tudo deveria comprovar-se cientificamente. A modernidade negou ainda a capacidade de o homem transcender-se e acabou por eliminar a ideia de Deus.

No campo do conhecimento, as modernas ciências experimentais transformaram totalmente nossa visão de mundo e conduziram ao comportamento racional perante a realidade. Permanece e prevalece o que resiste à crítica racional. A ciência e a técnica dão ao homem pelo menos um suposto senhorio sobre as coisas para sua manipulação e o planejamento racional. O resultado é um mundo hominizado, despido dos vestígios de Deus.<sup>35</sup>

Com a pós-modernidade é colocada em cheque essa questão, ela impõe limites ao racionalismo moderno e acaba por abrir espaço ao pensamento religioso. Esse novo período histórico possibilitou “estabelecer novamente o diálogo entre fé e razão, agora a partir da respectiva fraqueza derivada de uma carência de certezas absolutas. A pós-modernidade põe limites às pretensões totalizantes da razão iluminada.”<sup>36</sup>

A modernidade deixou um vazio para a humanidade, nem todas as questões que ela levantou conseguiu responder. As afirmações da sociedade moderna tentaram substituir as tradições religiosas e “ofereceram uma sensação de certeza maior do que a oferecida pelo dogma. Mas a reflexividade moderna nunca encontra

<sup>33</sup> STACCONE, Giuseppe. *Filosofia da religião: o pensamento do homem ocidental e o problema de Deus*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 44.

<sup>34</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1997. p. 67.

<sup>35</sup> ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 12.

<sup>36</sup> CASTIÑEIRA, Ángel. *A experiência de Deus na Pós-Modernidade*. Tradução de Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 146.

os absolutos fornecidos pela religião ou pela visão sagrada do mundo.”<sup>37</sup> A partir daí, ocorre um regresso às religiões e ao sagrado. A sociedade Pós-moderna trouxe de volta a relação do ser humano com Deus. As tradições religiosas voltaram com força e o novo modelo social acabou acolhendo-as de forma plena.

Esse retorno às tradições religiosas e ao sagrado não quer dizer necessariamente um regresso a uma mesma concepção metafísica. O retorno que se teve, ocorreu de forma particular. Houve uma volta da metafísica, mas não num formato tradicional.

O regresso do religioso é caracterizado como o “renascimento da religião segundo formas emocionais, como estranha combinação de confissão de fé e afirmação narcisista de um sujeito ameaçado.”<sup>38</sup> O ser humano acabou por temer a banalidade do cotidiano, por esse motivo buscou afirmações que lhe dessem mais esperanças, e elas foram encontradas no meio religioso.

O retorno ao sagrado não se deu por um grupo, nação ou povo, mas sim movido pelo medo de cada ser humano por uma existência vazia e sem sentido.

A correlação que a Pós-Modernidade criou entre Deus e o ser humano, é particular, “o problema proposto [...] em relação ao discurso sobre Deus é que este é deslocado para o âmbito individual, privado e subjetivo”<sup>39</sup>, ou seja, acabou-se criando uma concepção privada de Deus, enquanto que os vestígios da modernidade científica, ainda presente na sociedade abriu-se para uma esfera pública. A pós-modernidade rejeitou a universalidade de Deus, da metafísica e das filosofias transcendentais.

Não há universalidade, necessidade, nem certeza, porque falham as experiências e as regras da linguagem a partir das quais poderiam ser legitimadas as cosmovisões metafísicas. Não há tampouco instâncias universais que permitam falar de uma história universal, nem de um sentido da história, [...] já que não há uma perspectiva que permita adotar o olho de Deus e ter uma visão transcultural. Em boa parte, a metafísica havia se transformado numa gnose, [...] que pretendia um conhecimento total do mundo, da história, do ser e do homem, sem que nada ficasse de fora de seu sistema.<sup>40</sup>

<sup>37</sup> TRASFERETTI, José e GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes, organizadores. *Teologia na Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 449.

<sup>38</sup> MENDOZA, Carlos. *O Deus escondido da pós-modernidade: desejo, memória e imaginação escatológica*: ensaio de teologia fundamental pós-moderna. São Paulo: É Realizações, 2011. (René Girard). p. 32.

<sup>39</sup> ESTRADA, Juan Antonio. *Imagens de Deus: a filosofia ante a linguagem religiosa*. Tradução José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 273.

<sup>40</sup> ESTRADA, 2007, p. 274.

Não possuímos mais uma verdade universal, os relatos metafísicos perdem credibilidade quando postos em relação à ciência e a técnica, mas essas também não podem ser elevadas a categorias de verdades universais, pelo simples fato de não poderem responder a todas as perguntas sobre a existência humana.

Em síntese, não podemos mais falar de uma verdade, mas sim de verdades, que acabam por dar respostas a questões existenciais do ser humano. A religião obteve de volta seu espaço quando a técnica e a tecnologia acabaram por não saberem dar mais respostas ou um retorno cruciante a questões como a vida, a morte e o que nos espera para o além dela. Mas esse retorno ao sagrado, também não ocorreu de forma universal, nem todos aderiram ao cristianismo tradicional, muitos nem se quer escolheram a tradição cristã para voltarem ao meio religioso, pois “a sociedade pós-moderna, com sua pluralidade de opções religiosas, tornou visível a heterogeneidade do cristianismo e também a existência de outras religiões.”<sup>41</sup>

O ser humano acabou por assimilar um dos principais fundamentos da pós-modernidade, a de que cada pessoa é livre para realizar suas escolhas religiosas, independente de instituição e identidade religiosa. As religiões passaram a “ceder facilmente ao movimento de assimilar os elementos que lhe interessam sem nenhum cuidado com alguma coerência teórica”<sup>42</sup>, ou seja, acabou-se criando a ideia de que todas as religiões possuem uma base mística e espiritual igual.

Fala-se de aura, de fluido positivo, de espírito, de energia que visam todas as religiões igualmente. Daí Justificarem-se qualquer transito entre elas e de uma para a outra, ou confecção de uma própria religião feita de fragmentos das diversas tradições religiosas. Globalizam-se os elementos religiosos por si mesmos, sem vinculação necessária à religião de origem. circulam fragmentados pelos espaços midiáticos, atingindo os destinatários pós-modernos, curiosos de novidades, de experiências diferentes, de provar todos os sabores religiosos sem a religião cuidar de manter sua identidade. Aceita qualquer elemento desde que os fiéis o vivam no interior delas.<sup>43</sup>

As religiões passaram a utilizar da fé de cada um e do retorno ao sagrado, para buscarem fiéis, mas os modos como o fazem acaba por levar a um total niilismo, sendo este existente já na forma pós-moderna de experienciar Deus.

<sup>41</sup> TRASFERETTI e GONÇALVES, 2003, p. 445.

<sup>42</sup> LIBANIO, João Batista. *A Religião no Início do Milênio*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 160.

<sup>43</sup> LIBANIO, 2002, p. 160.

As religiões estão abandonando suas tradições ou deixando com que elas entrem no esquecimento, sendo esta outra característica marcante da sociedade pós-moderna, o fato de não mais se caracterizar como uma sociedade de memória. Este fato faz com que as tradições religiosas estejam abertas a entrada de elementos religiosos de outras tradições, pois “a crise da memória torna-se evidente nas dificuldades do poder religioso para legitimar a exclusividade da memória fundadora.”<sup>44</sup>

Dessa forma as religiões acabam perdendo sua tradição e as novas igrejas cristãs, principalmente as neopentecostais, acabam por nascerem sem uma tradição, arrecadando assim elementos dos mais diversos meios religiosos, proporcionando ao fiel, momentos de satisfação espiritual e existencial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características de Deus judaico-cristão foram se moldando ao longo da história, desde os primórdios da civilização hebraica até o período contemporâneo caracterizado com pós-moderno. A principal influência para essa mudança, foi com certeza o contexto histórico no qual o crente ou crentes se encontravam.

O povo de Israel ao longo dos 1300 anos antes da vinda de Jesus, passou por diversas experiências históricas que acabaram formando as características do seu Deus. Essas experiências vão desde a escravidão do Egito, seguindo da sua libertação e peregrinação para a terra prometida e a sua conquista, além de momentos de paz e tranquilidade até o momento do exílio na Babilônia.

Jesus carrega esses fatos históricos em sua tradição, era judeu e escutou muitas vezes esses textos na sinagoga, mas o Deus que pregou foi um Deus diferente, não aquele Deus da história ou que luta e castiga o seu povo. Cristo apresentou um Deus diferente o qual ele o anunciou como Abbá, um pai, ou melhor, um papaizinho. Jesus nos mostrou um Deus bondoso, que acolhe os pequenos e excluídos, e chamou-nos para fazer o seu seguimento e apresentar esse Deus aos demais.

Com a modernidade, a ideia de Deus foi quase extinta, a sociedade se tornou de certa forma humanizada, a reflexão voltava-se sempre ao homem e a sua exaltação. A ciência e a técnica tentaram explicar o mundo, mas acabaram deixando

---

<sup>44</sup> TRASFERETTI e GONÇALVES, 2003, p. 460.

um vazio existencial para o ser humano, e devido a essa falta é que ocorreu o regresso as religiões. Essa volta não ocorreu de forma tradicional, às pessoas buscaram novas formas de religiosidade, diferente das tradicionais. Por esse motivo muitas religiões e igrejas acabaram por incluir em seus rituais, crenças de outras tradições religiosas sem ao menos se preocupar com as tradições. Essas igrejas conseguiram suprir as necessidades pessoais dessa nova geração? A introdução de novos rituais oriundos de religiões distintas não acaba por descaracterizar ou eliminar as tradições dessas igrejas ou religiões? Todos esses questionamentos até o momento não possuem respostas definitivas, a condição pós-moderna abriu espaço para essa mescla religiosa, e o resultado disso, bom ou ruim, só será visto quando a religião e/ou a sociedade assumirem um novo modelo social/religioso baseado naqueles já existentes.

## REFERÊNCIAS

CARAVIA, José L. *O Deus de Jesus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

CASTIÑEIRA, Àngel. *A experiência de Deus na Pós-Modernidade*. Tradução de Ralfy Mendes de Oliveira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de dogmática*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ESTRADA, Juan Antonio. *Imagens de Deus: a filosofia ante a linguagem religiosa*. Tradução José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2007

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1997.

HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. [trad. Jonas Pereira dos Santos]. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Repensar)

LIBANIO, João Batista. *A Religião no Início do Milênio*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MARCHIONI, Mário Lúcio. *Deus no nosso jeito de falar*. Aparecida, SP: Editora Santuário: 1997.

MENDOZA, Carlos. *O Deus escondido da pós-modernidade: desejo, memória e imaginação escatológica : ensaio de teologia fundamental pós-moderna*. São Paulo: É Realizações, 2011. (René Girard).

METTINGER, Tryggve. *O significado dos nomes de Deus na Bíblia*. tradutor Daniel Sotello. Santo André: Ed. Academia Cristã Ltda, 2008.

PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. [trad. Gentil Avelino Titton]. 6. Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2013.

RAD, Gerhard Von. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução Francisco Catão. 2ª Ed. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006.

STACCONE, Giuseppe. *Filosofia da religião: o pensamento do homem ocidental e o problema de Deus*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

TRASFERETTI, José e GONÇALVES , Paulo Sérgio Lopes, organizadores . *Teologia na Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1991.

ZIZEK, Slavoj e MILBANK, John. *A monstruosidade de Cristo: paradoxo ou dialética?*. Organização Creston Davis. Tradução Rógerio Bettoni. São Paulo: Três Estrelas, 2014.